



COSTA, Rafael Martins da. Geografias em quadrinhos: imaginando um mundo em sala de aula. Porto Alegre: Deriva, 2014.

MARCOS RODRIGUES ORNELAS DE LIMA

Me. Geografia (UFRJ) e doutorando em Geografia (UERJ)

Professor do Colégio Pedro II – Campus São Cristóvão II

marcoslima.geo@gmail.com

Yi-Fu Tuan já em 1976 defendia a tese de que “uma aula de Geografia sem imagem é como uma aula de anatomia sem um esqueleto”¹. Tendo como ponto de partida a tradição da utilização de imagens na produção geográfica e em particular, na sua utilização como ferramenta didática, Rafael Martins da Costa produz um livro cheio de indicativos para se pensar essa tradição a partir das histórias em quadrinhos.

Partindo da premissa de que os quadrinhos possibilitam pequenas resistências no interior da sociedade em confronto com políticas elaboradas em nível macro e disseminadas em um movimento de cima para baixo, o autor deixa claro que sua proposta de trabalho tendo os quadrinhos como foco não é a de criar uma prática mais atraente, como se fosse “uma espécie de isca para atrair a atenção dos alunos e alunas para conteúdos

escolares e ocupá-los para que permaneçam sentados e em obediente silêncio” (p.18).

Na primeira parte da obra, intitulada criatividade em sala de aula, o autor traça um panorama de algumas práticas mais tradicionais observadas em sala de aula, questionando até que ponto essas favorecem a criatividade e a imaginação do aluno. Nesse sentido, embora as histórias em quadrinhos não representem uma novidade, o esforço empreendido na obra é o de lançar um novo olhar sobre elas. Como ressalta o autor, os quadrinhos enquanto meio de comunicação são transmissores de valores, formadores de identidades e produtores de significação. Ou seja, enquanto prática cultural, produz e faz circular significados a respeito de muitas coisas, inclusive do espaço.

No segundo capítulo, apresentando

os quadrinhos, são explicitados os elementos básicos dos quadrinhos para o leitor. O autor busca construir sua argumentação a partir da interação entre os elementos gráficos, gramaticais, estilísticos e subjetivos. Essa interação é responsável pela produção de metáforas visuais, compondo imagens associadas com uma ideia diferente de seu significado original, de acordo com uma leitura de mundo prévia do leitor. Ou nos termos do autor, “emprestando-lhes vida, damos significados a coisas que, grosso modo, no caso das HQs, não passam de tinta sobre o papel” (p.27).

Justamente em função dessa dimensão subjetiva dos quadrinhos, existe uma possibilidade enorme de utilizar sua linguagem articulada a diversas disciplinas, tais como: Arte, Linguagem, História, Física, Sociologia, Literatura e Geografia (foco central de análise na obra). E embora o tema não seja novidade na produção acadêmica na área de ensino de Geografia, conforme revelam os diversos trabalhos citados pelo autor, sua grande contribuição é ampliar o debate colocando as HQs não como instrumento auxiliar de uma prática formadora de leitores como um gênero textual. Partindo da ideia de um hipergênero, que agrega diversos outros gêneros, Rafael Martins da Costa coloca o olhar nos quadrinhos a partir da possibilidade da construção de uma leitura de mundo instrumentalizada por eles. Dentro desse propósito, “é necessário que os quadrinhos deixem de ser encarados como apenas um instrumento didático ou um meio de distração, com o qual se engana o aluno para transmitir-lhe conteúdos escolares, sem a reflexão sobre estes” (p.30).

O terceiro capítulo, Imagens e Geografia, o autor retoma o debate da emergência do campo dos estudos culturais, em particular na Geografia através da Geografia Cultural. Embora seja essa a matriz de reflexão do autor, é importante destacar que o campo dos estudos culturais na Geografia não foi monopólio dessa matriz conforme uma leitura do texto pode dar a entender.

Dialogando com a noção de inscrições e visões geográficas de Denis Cosgrove, o autor aborda a importância do olhar na construção

do saber geográfico e como ele foi produzido historicamente. Passeando pela Geometria de Platão; Cosmografia e Corografia de Ptolomeu, o autor ilustra a importância do elemento gráfico na construção de distintas visões de mundo. Como ressalta, “perceber as visões geográficas inscritas ou grafadas, manifestas e/ou impostas ao mundo, seja da forma que for, sobre o suporte que for, é um passo importante na construção de um entendimento crítico próprio sobre o espaço” (p.39).

Nos dois capítulos seguintes, são apresentadas ao leitor algumas práticas de ensino adotadas pelo autor em escolas da rede pública no Rio Grande do Sul. A diversidade de HQs utilizadas merece ser destacada, evidenciando a preocupação em aproximar os alunos, com gostos e interesses distintos, do universo dos quadrinhos. Nesse sentido, Mônica e Cebolinha dialogam com Mickey, X-Men entre outros. A riqueza gráfica do livro nesses capítulos, com as atividades desenvolvidas pelos alunos ajudam a perceber não só o trabalho empreendido por Rafael Martins da Costa, como também a leitura espacial dos alunos em diferentes momentos do desenvolvimento da prática com os quadrinhos. Por fim, a obra Geografia em quadrinhos: imaginando um mundo em sala de aula evidencia que em um momento onde diversas outras linguagens passam a ganhar campo no ensino da Geografia – grafite, videogame, skate e outras – outras linguagens com amplo histórico na área de ensino devem ser revistas com novos olhares. E ainda que enquanto professores estejamos sujeitos a diretrizes educacionais que em alguns casos são distantes de nossa sala de aula, somos nós professores que estamos lá com nossos alunos, ninguém mais. E como percebe o autor, “de alguma forma, esse é o nosso trunfo” (p.106). Nesse sentido, o livro de Rafael Martins da Costa merece a leitura por empreender esse novo olhar de uma velha prática a partir desse trunfo.

NOTA

¹ TUAN, Y. F. Sight and pictures. *Geographical Review*, v. 69, p. 413-422, 1979.